

O SILÊNCIO DOS CORPOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cláudia Alexandra Fibras¹

Daniel Skrsypcsak²

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa que está em andamento como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Itapiranga-UCEFF surgiu de um incômodo com os nossos atuais sistemas de ensino e a maneira como os educadores conduzem suas aulas, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Quando as crianças ainda estão na Educação Infantil, tudo parece girar em torno do brincar, a aprendizagem ocorre de maneira lúdica, não se torna algo cansativo ou até mesmo uma obrigação. Contudo, quando esta criança inicia no Ensino Fundamental, acontece uma ruptura com essa ludicidade. Os educandos precisam permanecer durante horas sentados em frente a um quadro para aprenderem, muitas vezes desconfortáveis e ainda sendo forçados a ficarem em silêncio. Desde quando o aprender está ligado ao permanecer em silêncio?

Nossa preocupação a priori, é compreender a relação entre o ensino e o silêncio, pois, como bem sabemos todo e qualquer sujeito aprende nas interações. Saber como surgiu esta percepção de que só se aprende quando estivermos em silêncio, é extremamente necessário para a efetivação desta pesquisa, somente assim, será possível perceber o porquê das marcas que ainda permanecem nas salas de aula. Além disso, é importante ressaltar que é preciso que os educadores tenham uma atenção especial ao corpo dos educandos e não apenas ao aprender da leitura e escrita ou preocupação com os aspectos cognitivos. Tudo perpassa pelo corpo, se este for estimulado e bem desenvolvido os educandos poderão ter menos dificuldades na hora da aprendizagem dos conteúdos.

Vale destacar que o estudo não tem apenas relevância acadêmica, mas também para os participantes e demais pessoas da comunidade em geral, uma vez que, todos devemos

¹ Acadêmica do 8º semestre do curso de Pedagogia da instituição Centro Universitário FAI de Itapiranga-SC. Email: claudia.fibras@hotmail.com

² Professor orientador do curso de Pedagogia, da instituição Centro Universitário FAI de Itapiranga-SC. Email: dskrsypcsak@hotmail.com

compreender as concepções criadas ao longo dos anos acerca do corpo na educação, percebendo o quão necessário é envolver e estimular a corporeidade nos ambientes educativos, para que ocorra devidamente uma aprendizagem significativa.

Nosso corpo certamente é a nossa casa. Somos um corpo. É preciso que tenhamos um olhar sensível para com ele, para que possamos cuidar e nos permitir sentir-se um corpo, não apenas para que se desenvolva o processo de ensino aprendizagem, mas também para que possamos nos construir enquanto identidade, enquanto seres humanos que criam, pensam, vivem e sentem a grandiosidade de ser um corpo. Entendemos que o mesmo não seja apenas um detalhe no processo de ensino, e sim, primordial.

Dialogar sobre a importância do corpo na educação não é simples, pois trata-se de analisar e compreender uma construção histórica criada por um sistema educacional tradicional, na qual diversos paradigmas foram impostos à nossa sociedade e que muitos permanecem até hoje.

É possível perceber que muitos educadores ainda possuem uma visão de corpo disciplinado, onde as práticas educativas limitam muitas vezes os movimentos durante as atividades em sala de aula e até mesmo o diálogo por causa da disciplina. Os educandos saem da Educação Infantil, espaço esse que o brincar em muitos casos ainda é a atividade principal e a aprendizagem ocorre de maneira lúdica, para adentrar numa etapa onde é preciso sentar-se durante horas em uma cadeira e prestar atenção no que seu professor tem a lhe ensinar, sem muitas vezes poder dialogar com os colegas, a não ser que o professor permita.

Esquece-se de que a escola é um ambiente na qual deve priorizar e proporcionar momentos de liberdade de expressão, onde os educandos possam usar do seu corpo e movimentos para expor seus sentimentos e emoções, tornando-se assim pessoas mais autônomas e expressivas.

Desta maneira, a pesquisa em andamento tem como objetivo pesquisar e discutir a relação entre o ensino e o silêncio dos corpos dos educandos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Buscamos analisar também as concepções dos educadores atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em relação ao corpo dos educandos, na qual será possível perceber se suas práticas são planejadas de maneira a desenvolve-los integralmente, envolvendo a corporeidade e não apenas aspectos linguísticos, pois como bem sabemos todo e qualquer sujeito aprende nas interações.

Pensando na ideia de que o ambiente escolar é um local em que devem ser vivenciadas as mais diversas experiências que auxiliem no desenvolvimento integral dos seus educandos, percebe-se a importância de um olhar sensível para com o corpo dos mesmos, no qual estes não fiquem apenas enclausurados atrás das carteiras, mas que tenham possibilidade de momentos para se expressarem, criarem e dialogarem, e que a aprendizagem possa ocorrer de maneira significativa e natural, atingindo a todos os objetivos propostos

DESENVOLVIMENTO

METODOLOGIA

A proposta da pesquisa é perceber qual é a relação entre o silêncio dos corpos dos educandos com a sua aprendizagem, percebendo quais os conceitos e opiniões formadas pelos educadores atuantes nos Anos Iniciais a cerca deste assunto, além de compreender todo o processo histórico e suas influências no atual cotidiano escolar.

A população amostral que abrange o estudo se caracteriza por cinco educadores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em cinco turmas: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano da rede municipal de Itapiranga – SC. Os dados foram coletados a partir de entrevistas com as educadoras, observação da prática pedagógica em variados momentos e espaços e análise documental.

As observações foram realizadas nas salas de aula e nos demais espaços que são utilizados por cada turma do 1º ao 5º ano da rede municipal de ensino da cidade de ItapirangaSC. Ao todo foram duas observações de 4 horas em cada turma citada, da mesma escola. As observações tiveram como propósito perceber como acontece a rotina em termos de processos de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, se os educadores têm um olhar para com a corporeidade no desenvolvimento dos seus educandos e como os corpos dos educandos se comportam nos diferentes espaços.

A pesquisa documental ocorreu através de uma análise no planejamento de cada educadora participante da pesquisa, afim de perceber como a corporeidade do educando é pensada e utilizada para assimilação de novos conceitos e aprendizagens. Esse estudo foi entrelaçado com a observação feita na sala de aula. Os dados coletados estão sendo analisados de maneira qualitativa, dando ênfase para uma análise subjetiva às considerações realizadas

pelos sujeitos procurando fazer o contraponto com a bibliografia disponível que discutem as questões pertinentes a temática.

CORPO EDUCADO: CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Ao olharmos para a escola, vislumbramos uma instituição social que está totalmente ligada a sociedade em que está inserida, aos seus costumes e valores. E por ser um ambiente de aprendizagens deveria buscar através de um olhar sensível para as especificidades de cada sujeito, transformando-o e aperfeiçoando-o em suas competências e habilidades, visando o crescimento pessoal e profissional. Mas será que a escola vem desempenhando devidamente seu papel?

Se retrocedermos na história da educação, “o bom aluno era aquele que, sentado em sua fileira e voltado para o professor tinha uma capacidade mnemotécnica extraordinária para captar e guardar o conteúdo proferido pelo educador” (CAVAZZANI; CUNHA, 2017, p. 27-28). Neste sistema, o educador era conhecido como o detentor de todo o conhecimento, não era permitido questionar ou duvidar de qualquer que fosse o assunto ensinado pelo educador, além disso, como citado o educando deveria memorizar tudo que fosse ensinado.

Vale frisar que as punições e castigos eram comuns durante este período, principalmente, quando os educandos questionassem, desobedecessem a alguma regra ou cometessem algum erro cognitivo. O educando apenas tinha a incumbência de sentar-se em silêncio em sua carteira e permanecer atento ao que o educador proferia, sem qualquer movimento espontâneo.

Mas e atualmente, esse breve cenário descrito acima são apenas lembranças de um passado não muito distante? Os educadores ainda persistem com metodologias totalmente que podemos classificar ou relacionar como sendo tradicionais? Como o corpo do educando é desenvolvido nas práticas da sala de aula?

Novas metodologias, novas propostas e diferentes formas de ensino aprendizagem, na teoria e na prática, vem sendo discutidas e minuciosamente analisadas no âmbito educacional. O cenário educacional atual é preocupante, pois percebe-se que ainda persistem muitos resquícios de uma educação dita como tradicional em um ambiente renovado, e requer a busca imediata por respostas. Mantoan (2013, p. 63) afirma que “A sala de aula é o termômetro pelo qual se mede o grau de febre das crises educacionais e é nesse micro espaço que as mudanças do ensino verdadeiramente se efetivam ou fracassam”.

Analisando o processo histórico, observa-se que houveram diversas mudanças no âmbito educacional, porém poucas quando se refere a postura e metodologias do educador, principalmente quando dialogamos a respeito do corpo na sala de aula. No entanto, é perceptível que os educandos já não são mais os mesmos, são mais ativos, curiosos, inquietos e desafiadores. E a escola, como lida com esse emaranhado de identidades e processos de inquietantes descobertas e interações?

Os educadores muitas vezes rotulam seus educandos como indisciplinados por causa dos desafios expostos em sala de aula, geralmente pela inquietude e conversas paralelas. Mas será mesmo que os educandos são indisciplinados ou eles apenas necessitam de espaço para se expressarem com mais frequência?

Surdi cita (2001, p. 71)) que “Dar-se conta que por trás de imposições, controle dos movimentos, ameaças, críticas, está algo muito maior e com consequências maléficas a longo prazo, ou seja, o medo”. Os educadores acabam esquecendo que a escola deve ser um ambiente no qual se proporcionam experiências enriquecedoras, na qual o corpo deve estar livre para brincar, inventar, criar e se expressar. E ao ser inibido, o educando pode se fechar, provocando consequências graves no seu crescimento pessoal, comportamento, sentimentos e desenvolvimento no ensino aprendizagem. Essa situação nos remete a um questionamento: a escola deseja que o corpo dos educandos seja domesticado ou que ele realmente esteja presente durante todo o processo de aprendizagem da criança?

Ao analisar todas as áreas do ensino fundamental dentro da Base Nacional Comum Curricular, percebe-se que o desenvolvimento a partir de práticas corporais, se trata como prioridade nas aulas que se referem a Educação Física. Esquece-se que a educação deve ser interdisciplinar e transdisciplinar e que ensinar através do corpo, de atividades que envolvam movimento, expressões, faz com que os educandos assimilem os conteúdos de maneira significativa.

A escola precisa parar de pensar na educação de maneira fragmentada. É preciso adquirir uma educação de corpo inteiro, visando aprendizagens que não sejam apenas de caráter linguístico e cognitivo. O educador precisa “enxergar o corpo como uma construção cultural e validar ser potencial expressivo [...]” (TATIT, p. 17), é importante compreender que cada educando é único, com vivências e experiências totalmente diferentes uns dos outros. E o ambiente escolar deve acolher a todos, valorizar e desenvolver suas capacidades, habilidades, competência e conseqüentemente, a identidade de cada um. O corpo é a chave para toda e

qualquer construção pessoal, é através dele que as pessoas se modificam e evoluem de maneira autônoma.

O corpo é a peça principal para a comunicação das crianças. Os autores Paula e Silva Filho (2012, p. 185) enfatizam que,

É fato que as crianças falam tudo com o corpo. Histórias, explicações, dúvidas, perguntas (e mais perguntas). Tudo passa pelos seus corpos de uma maneira que quase não nos lembramos mais quando vamos tornando-nos adultos. Suas dores são dores no corpo; suas frustrações são frustrações no corpo, assim como suas alegrias tomam o corpo todo para “falar”.

Entretanto, como aborda Barbosa e Borba (2011) este ponto que é muito discutido quando se questiona a respeito do silêncio na sala de aula, muitos educadores dizem que ao darem liberdade para que os educandos dialoguem, os mesmos extrapolam, e dar-se então, o nome para a chamada bagunça e indisciplina na sala de aula. O silêncio é bom em dados momentos, porém, não pode ser uma rotina, é preciso que o educador crie o hábito de dar voz e vez aos seus educandos, e deixe claro que durante momentos importantes de explicações de atividades é necessário que eles fiquem em silêncio para que compreendam a proposta. Lembrando que quando falamos silêncio do corpo não estamos nos referindo a ausência da linguagem oral.

É preciso, conforme Vianna e Castilho (2002, p. 27-28)

[...] estar atento à percepção do corpo dos alunos, saber estimular sua presença, estimular o aprendizado através do corpo. Porque o corpo é capaz de aprender tanto quanto de criar. Usar o corpo dos jovens pode ser uma bela maneira de estimular-lhes a liberdade e a criatividade, porém mais ainda – pode ser uma ferramenta muito eficaz para a transmissão dos conteúdos. É o corpo que aprende.

Precisamos aprimorar a ideia vinda da educação tradicional, de que somente se aprende quando o educando está em silêncio, que quando o educando está dialogando com os colegas ele não está aprendendo. Pelo contrário, toda e qualquer aprendizagem acontece através do corpo (GARCIA, 2002). É papel do educador planejar e organizar situações para que os educandos em suas especificidades construam sua identidade, sua autonomia e se desenvolvam de maneira integral.

CONSIDERAÇÕES

Como apontado anteriormente o presente trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento que objetivou pesquisar e discutir a relação que há entre o ensino e o silêncio dos corpos dos educandos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Durante a mesma buscou-se compreender as diferentes concepções criadas sobre corpo no decorrer da história, refletindo a ideia de que o corpo não é apenas um conjunto de sistemas orgânicos que funcionam de maneira integrada fornecendo movimentos e pensamentos que o ser precisa. Mas sim, enaltecendo a ideia de que o corpo também é a casa de um ser, um ser que tem vida e história.

O corpo é a parte principal e central do ser humano, pois dá sentido aos sistemas que estão em funcionamento. Entretanto, ele nem sempre foi visto pela sociedade como algo importante. Houve um tempo que o corpo era visto apenas como alvo de estética, no qual os homens gostavam de exibir seus corpos fortes e torneados.

Pelo senso comum é perceptível encontrarmos resquícios de uma educação tradicional em situações rotineiras da sala de aula, desde a organização das carteiras em fileiras, até os castigos dados as crianças vistas desobedientes. O que se pode perceber ainda é que muitos educadores não param para analisar seus métodos, pois, dão continuidade muitas vezes ao que já vinha sendo seguido por outros educadores.

Outro aspecto que se percebe é educadores com ênfase em aulas expositivas, transmitindo conhecimentos aos educandos, sem fornecer muitas vezes a possibilidade para discussões e trocas de experiências, o que acaba tornando a aula cansativa e dispersando os educandos, dificultando assim, a compreensão dos conteúdos.

A necessidade pelo silêncio na sala de aula nos chama a atenção. Os educadores mesmo que inconscientemente entendem que para os educandos aprenderem é necessário que haja o silêncio, tanto verbal como corporal. Nosso entendimento é que o silêncio preconizado é um silêncio com vistas a manter uma ordem estabelecida suprimindo as possibilidades de manifestações que impedem o desenvolvimento da criatividade e da autonomia. É preciso que haja um equilíbrio, e que as crianças tenham possibilidade de poderem expressar suas emoções, opiniões e movimentos.

É com base nestas e outras inquietações que buscamos algumas respostas com nosso estudo e esperamos que essas respostas possam auxiliar para provocar a discussão sobre a temática e quiçá promover algumas quebras de paradigmas que ainda perduram.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Christiane Jaroski; BORBA, Mari Teresinha Panni. **Silêncio dentro da sala de aula**. N. 20. p. 83-98. Salvador: R. FAGED, 2011. Disponível em: <
<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/3611/4407>> Acesso em: 14 mai. 2018.

CAVAZZANI, André Luiz; CUNHA, Rogério Pereira da. **Ensino de história: itinerário histórico e orientações práticas**. [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2017.

GARCIA, Regina Leite (org.). **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér (ORG). **O desafio das diferenças nas escolas**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAULA, Elaine de; SILVA FILHO, João Josué da. **As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade**. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da. (Orgs.) **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SURDI, Bernardete Madalena Milani. **Corporeidade e aprendizagem: o olhar do professor**. Ijuí: Unijuí, 2001.

TATIT, Diana Ribeiro. **Corpo e movimento**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. **Percebendo o corpo**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **O corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

O SILÊNCIO DOS CORPOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Acadêmica: Cláudia Alexandra Fibres, *email:* claudia.fibres@hotmail.com

Professor orientador: Daniel Skryspcsak, *email:* dskryspcsak@hotmail.com

Instituição: Centro Universitário FAI, Itapiranga – SC

<p>OBJETIVOS</p> <ul style="list-style-type: none">• Pesquisar e discutir a relação entre o ensino e o silêncio dos corpos dos educandos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;• Compreender as diferentes concepções do corpo no decorrer da história;• Analisar as consequências do corpo silenciado no desenvolvimento dos educandos;• Verificar se há um aumento do silêncio dos corpos dos educandos no decorrer das etapas dos anos iniciais;• Analisar como o corpo dos educandos se comporta nos diferentes espaços-tempos na escola.	<p>MÉTODOS</p> <p>População amostral: cinco educadores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nas turmas de 1º ao 5º ano da rede municipal de Itapiranga – SC.</p> <p>Instrumentos para coleta de dados:</p> <ul style="list-style-type: none">• Pesquisa bibliográfica;• Pesquisa documental;• Pesquisa de campo: observação das aulas das turmas de 1º ao 5º ano, sendo duas observações de 4h em cada turma;• Entrevista semiestruturada direcionada aos educadores. <p>Para a análise foi preferível categorizar os dados por turma observada verificando os seguintes elementos: entrevista com educador titular, sala de aula, metodologia e planejamento do educador, e diferentes espaços.</p>
<p>PROBLEMATIZAÇÃO</p> <p>Educadores reconhecem a importância de se trabalhar o corpo no contexto escolar, entretanto, dizem que educandos já trabalham o corpo nas disciplinas do período integral.</p> <p>O silêncio é necessário para que os educandos tenham seus momentos intrapessoais, contudo, vale ressaltar como afirmam Vianna e Castilho (2002) o corpo cria, o corpo fala, o corpo pensa. Tudo perpassa pelo corpo, ele é ferramenta ativa e efetiva de todo o processo de ensino aprendizagem.</p> <p>A partir disso a problemática do nosso estudo consiste em saber: Qual a relação entre o ensino e o silêncio dos corpos dos educandos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?</p>	<p>CONSIDERAÇÕES</p> <p>O trabalho tem como finalidade pesquisar e discutir a relação entre o ensino e o silêncio dos corpos dos educandos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Pensando na ideia de que o ambiente escolar é um local onde devem ser vivenciadas as mais diversas experiências que auxiliem no desenvolvimento integral dos seus educandos, percebe-se a importância de um olhar sensível para com o corpo dos mesmos.</p> <p>É possível perceber que muitos educadores ainda possuem uma visão de corpo disciplinado, onde as práticas educativas limitam muitas vezes os movimentos durante as atividades em sala de aula e até mesmo o diálogo por causa da disciplina.</p>

REFERÊNCIAS

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. **Percebendo o corpo**. In: GARCIA, Regina Leite (org.). O corpo que fala dentro e fora da Escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.